



Workshop

Mobilidade: uma presença pervasiva no quotidiano das sociedades modernas

21 de Outubro de 2004

Pontos em Destaque

- Apesar de ser uma característica intrínseca ao ser humano, a mobilidade na Sociedade da Informação tem de ser reaprendida, pois esteve condicionada pelas tecnologias anteriores
- Não basta ao modelo de negócio aplicado à mobilidade dos dados criar valor, terá que criar valor económico
- Contextualização, facilidade de utilização, interoperabilidade e filtragem serão pontos essenciais da mobilidade
- As tecnologias disponíveis permitem mais e melhores serviços do que aqueles que são actualmente oferecidos
- A mobilidade envolve alguns custos que poderão relacionar-se com a perda da privacidade

Intervenientes do sector apontam desafios à mobilidade em *workshop* da APDSI

Para ter sucesso, a mobilidade dos dados como uma tendência da Sociedade da Informação deverá ser sustentada sobre as tendências que lhe antecederam, aproveitando os recursos existentes, mas desenvolvendo novas competências que atendam às suas características. Um possível modelo de negócio deverá sempre criar valor económico, defendeu Paulo Amaral, professor na Universidade Católica Portuguesa, durante o mais recente *workshop* promovido pela APDSI - Associação para a Promoção e Desenvolvimento da Sociedade da Informação, onde se debateu o tema da mobilidade em todas as suas vertentes, da social à económica, passando pelos serviços e produtos onde se manifesta, apontando virtudes e desafios.

Para Paulo Amaral, responsável pela sessão de abertura do *workshop*, a mobilidade dos dados é realmente o próximo passo da SI, mas para ser bem sucedido terá que construir sobre as tendências anteriores, como aconteceu por exemplo na sequência voz fixa, tratamento de dados, Internet e voz móvel. "As tendências que se constróem com base nas que lhe antecederam conseguem obter um sucesso mais rápido e maior", defendeu.

Um outro factor incentivador do sucesso é o respeito pelas características de que a tecnologia ou o conceito em jogo se reveste. "Podemos usar os recursos anteriormente

existentes, mas é igualmente necessário desenvolver novas competências", referiu Paulo Amaral. Para o *m-Business* interessará, diz, "filtrar os conteúdos certos, no momento certo, para a pessoa certa" ou seja, a contextualização, muito mais do que a riqueza de conteúdos, já que em movimento a atenção que pode ser prestada à informação disponível é muito reduzida, aumentando o "sentido de urgência" em obter determinados dados, numa dada situação. Ubiquidade, localização e acessibilidade caracterizam o *m-Business*.

Potencialidades e perigos das novas tecnologias

Os mesmos três conceitos marcaram presença no primeiro painel de discussão, dedicado à "Mobilidade e as Mudanças Societais", onde participaram Paquete de Oliveira do ISCTE, como moderador, António Câmara, da Ydreams, e António Carriço, da Vodafone.

O responsável da Ydreams trouxe a perspectiva visionária e mais tecnológica da sua empresa ao debate, mencionando possíveis utilizações dos dispositivos móveis, mas passando igualmente pelo impacto da mobilidade, das suas características e dos seus dispositivos nos diferentes sectores da sociedade.

Um dos aspectos principais da mobilidade dos dados será a possibilidade de aumentar o contacto entre pessoas e objectos, nomeadamente com a tecnologia de *radio tags*, apontou António Câmara. A Ydreams tem projectos em parceria nesta área que permitirá georeferenciar qualquer objecto sem atender às normais condicionantes da localização (latitude, longitude e altitude). "A micro-geografia terá implicações enormes em termos conceptuais e na relação com os objectos e essa mudança conceptual é importante, por exemplo, usando sistemas de informação em toda a forma como acedemos as representações do espaço".

O grande *driver* deste mercado será a segurança, onde o Departamento de Defesa norte-americano tem sido o grande impulsionador, mas existe um segmento emergente relacionado com a localização *indoor*, que permitirá por exemplo encontrar de forma imediata determinado produto num supermercado, ou melhor controlar os *stocks* em armazém.

Se relativamente aos objectos a localização proporcionada pela mobilidade é encarada como uma vantagem a aproveitar, já no que diz respeito às pessoas, a conclusão não é tão consensual. Tal como defenderam os intervenientes deste primeiro painel de discussão no encontro da APDSI, os serviços móveis que se baseiam na localização dos utilizadores, dando a conhecer a sua presença em determinado local, podem interferir com a sua privacidade.

"Os serviços desse tipo são uma aposta de risco porque podem evoluir para aspectos negativos de invasão de privacidade", considera António Carriço. "Na Vodafone há aspectos de privacidade e conforto que consideramos críticos e apesar de termos que gerar valor com as ofertas que disponibilizamos, a última coisa que queremos é incomodar os nossos clientes". Os limites valem igualmente para outras vertentes como o marketing directo, que os operadores móveis têm recusado introduzir porque conhecem o transtorno que o mesmo pode provocar num dispositivo como o telemóvel se não for feito da forma perfeita.

Perspectivas da mobilidade

Frederico Carvalho, da Intel, João Picoito, da Siemens, Hans-Erhard Reiter, da Ericsson e Pedro Santos da Fujitsu Siemens partilharam pontos de vista sobre a mobilidade no segundo painel da manhã, moderado por Carlos Salema, do Instituto Superior Técnico, falando da evolução entretanto conseguida, seja ao nível dos produtos ou da tecnologia que os proporciona, e apontando os desenvolvimentos que se aguardam.

VoIP, WIMAX e UWB estiveram entre os termos mais citados neste painel que também fez questão de aludir ao interesse social da mobilidade, apontando-lhe os requisitos para o seu sucesso junto dos utilizadores e, que segundo o responsável da Ericsson em Portugal, passam pela facilidade de utilização, conectividade e fiabilidade e segurança.

Para Hans-Erhard Reiter, o mercado móvel está a redefinir-se a ele próprio, pois foi liderado pela voz durante muito tempo, condicionando a forma como nos relacionamos. O mesmo responsável defende que o mercado móvel está longe da saturação, quando a taxa de penetração a nível mundial é de apenas 23 por cento. "Por isso continuamos a ter tanta gente interessada em integrar o nosso sector", referiu durante a sua intervenção.

João Picoito, da Siemens, construiu o seu discurso apontando aspectos que considera essenciais na relação entre os dados e a mobilidade, falando dos serviços IP como a "cola" entre os dois e do DSL como elemento a integrar neste modelo de mobilidade.

Na opinião do responsável da Siemens existe um potencial tecnológico na mobilidade por utilizar. "A tecnologia actual permite mais e melhor serviços do que aqueles que são hoje em dia oferecidos", defendeu João Picoito, apontando como exemplos que pecam pelo subaproveitamento o *eGovernment*, o 3G e o vídeo via DSL.

Serviços e aplicações a caminho da convergência

Sob o tema "Mobilidade: Serviços e Aplicações", Júlio Carvalho da Qfree, empresa parceira da Brisa no sistema Via Verde, Paulo Vilela da Sun, Pedro Chaves da Microsoft e Fernando Fortes da Ford puderam dar a conhecer as apostas das suas empresas na área da mobilidade, com o apoio da moderação de João Álvaro Carvalho, da Universidade do Minho.

As implicações dos serviços de localização aos instrumentos de uso pessoal voltaram à discussão durante este painel, num tema reintroduzido pelo representante da indústria automóvel, deixando claro que o consenso entre as vontades está longe de existir.

Um outro aspecto onde as opiniões dos participantes divergiram foi na possibilidade, que no geral se pretende, de reunir num único dispositivo, idênticas capacidades de dados e de voz, visto que actualmente os terminais privilegiam ou uma ou outra, como alertou Pedro Chaves, da Microsoft.

A tendência lógica é possivelmente a de fazer convergir num único modelo dados e voz em igual prestação de serviço, mas há quem defenda que telemóvel e PDA têm funcionalidades diferenciadas que obedecem a características diferentes e que por isso não se importam de transportar dois dispositivos.

A opinião do "contraditório"

A diversidade de opiniões ficou igualmente clara durante a discussão proporcionada pelo último painel do encontro, moderado por António Serrano, da Universidade de

Évora. João César das Neves, economista, acabou por dar um remate final peculiar a uma conferencia de "louvor à mobilidade", tal como a identificou, afirmando que apesar da mobilidade ser uma característica intrínseca ao ser humano - uma ideia defendida num dos painéis anteriores - a permanência também o é.

O economista defende que somos marcados pela pressão da oferta tecnológica, desactualizada no momento seguinte, o que leva à incerteza e por sua vez à insatisfação, ao descontentamento. "Porque a mobilidade comporta custos, há que perceber o que queremos dela", sugeriu João César das Neves. "O grande problema da tecnologia é que o ser humano continua a estar na outra ponta - a tecnologia está muito mais capaz, mas quem permanece no controlo do botão sou eu". Para o economista, somos ainda "crianças que brincam com dinamite", referiu, "havemos de crescer, mas hoje temos um nível de potencialidade elevado para um grau de maturidade e responsabilidade baixo".

Com uma visão mais favorável à mobilidade e à tecnologia, João Confraria, da Universidade Católica Portuguesa, chamou a atenção para alguns aspectos que considera limitadores do negócio electrónico e que se prendem essencialmente com a confiança. "A confiança no negócio electrónico faz-se por duas vias: a credibilidade da marca e a certificação, e se a primeira demora muito a consolidar, a segunda nem sempre é uma aposta de primazia das empresas". João Confraria fala na probabilidade de existência de novos custos na tentativa de aproveitar as possibilidades da mobilidade e aconselha às empresas o "investimento em reputação".

A intervenção do professor da Universidade Católica deixou igualmente a noção de "falência" do teletrabalho - uma das promessas da Sociedade da Informação - com a introdução da mobilidade. "A relativa falência deste modelo pode ser associada ao problema da confiança e da falta de definição de um quadro legal que lhe defendesse os direitos", referiu aludindo igualmente como restrições à sua disseminação as instalações de telecomunicações em edifícios residenciais e a própria arquitectura das casas, que normalmente não são construídas para albergar um espaço de trabalho.

Sobre a APDSI

Criada em 2001, a APDSI tem por objectivo a promoção e o desenvolvimento da Sociedade da Informação e Conhecimento em Portugal, reunindo com este interesse comum indivíduos e empresas. Na linha destes propósitos a Associação para a Promoção e Desenvolvimento da Sociedade da Informação tem vindo a desenvolver diversas actividades, onde se destacam uma série de estudos realizados por grupos de trabalho multidisciplinares sobre os vários temas que da actualidade na Sociedade da Informação, nomeadamente o *eGovernment*, *eProcurement* e ainda Justiça e Saúde Electrónica. Em todos estes trabalhos a APDSI procura identificar as tendências de evolução e também as interacções entre as tecnologias e outras dimensões sociais e económicas, contribuindo com uma visão mais aberta para a discussão e eficaz implementação destes conceitos na Sociedade Portuguesa.

Para mais informações contacte:

APDSI

ASSOCIAÇÃO PARA A PROMOÇÃO E DESENVOLVIMENTO
DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO
Madan Parque – PCTAS, Edifício VI

Campus da Caparica, Monte de Caparica
2829-516 Caparica - Portugal
Tel.: +351 212 949 606
Fax: +351 212 949 607
E-mail: secretariado@apdsi.pt
URL: <http://www.apdsi.pt>